

# REFERENCIAÇÃO

MARIA ALZIRA LEITE E RENATA MARTINS\*

Pontifícia Universidade Católica de  
Minas Gerais - PUC Minas. .

# A

*Resumo*

Assumindo uma visão textual-discursiva, interativa e sociocognitiva, este verbete apresenta o conceito do fenômeno da referenciação e, ainda, traz uma explicação de como os referentes são introduzidos, conduzidos, retomados, apontados e identificados no texto. Postula-se, aqui, que o sentido é uma construção dinâmica, interativa, efetuada por sujeitos que mobilizam seus modelos de mundo devido à relevância da interação. Nessa perspectiva, o leitor é levado a mobilizar estratégias de ordem cognitivo-discursiva, com o fim de levantar hipóteses, validar ou não essas hipóteses, preencher as lacunas que o texto apresenta, para chegar a uma determinada compreensão. O embasamento teórico, no que se refere à noção de referenciação, contempla, principalmente, as considerações de Koch e Marcuschi (1998; 2002); Mondada e Dubois (2003); Morato e Bentes (2005); Apothéoz, Reichler-Béguelin (1995). Para facilitar o entendimento, há, ainda, um exemplo, cuja análise reforça o postulado segundo o qual a referenciação é uma atividade discursiva com relevante papel na organização do texto, de modo a contribuir, efetivamente, para a interação e produção de sentido.

Palavras-chave: Referenciação. Referente. Atividade discursiva.

A noção de referenciação ocupa espaço nos estudos da filosofia da linguagem, da lógica e da linguística.

No campo da lógica e da linguagem natural, admite-se uma relação clara entre linguagem e mundo, considerando o referente como objeto do mundo. O foco, na realidade, está para o produto e não para o processo. (FREGE, 1978).

Para Blikstein (2003), o referente está diretamente ligado à significação linguística, e ainda, representa a realidade extralinguisticamente, ou seja, o referente ou objeto de discurso é compreendido na dimensão da percepção/cognição que organiza o pensamento antes da própria linguagem.

Já Mondada e Dubois (2003) consideram a “referenciação” como uma “construção de objetos cognitivos e discursivos na intersubjetividade das negociações, das modificações, nas ratificações de concepções individuais e públicas do mundo.” (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 18).

Dentro dessa linha, emerge uma grande questão: como a informação é transmitida ou como os estados do mundo são representados, ou seja, como as atividades humanas, cognitivas e linguísticas estruturam e dão sentido ao mundo?

Koch e Marcuschi (1998; 2002), seguindo Mondada e Dubois (2003), postulam uma visão processual em relação à significação, considerando que a discursivização do mundo por meio da linguagem consiste num processo de (re)construção do próprio real.

Há uma concepção de linguagem como atividade sociocognitiva, em que a interação e a cultura interferem na determinação referencial, isto é, considera os referentes como objeto do discurso (MONDADA; DUBOIS, 2003).

Nessa perspectiva sociocognitiva e interacionista, o conceito de referência não perpassa simplesmente por uma representação extensional de referentes do mundo extramental. A realidade é construída, mantida e alterada, pela forma como, sociocognitivamente, o sujeito interage com o mundo. Então, ao invés de se privilegiar a relação entre as “palavras e as coisas”, o foco do conceito de Referência se desvia para “a relação intersubjetiva e social no seio da qual as versões do mundo são publicamente elaboradas.” (KOCH; MORATO; BENTES, 2005, p. 7).

Koch (2005) ressalta que a referência é, portanto, resultante da ação de representar, através de uma situação discursiva, entidades que são vistas como objetos-de-discurso, que, na constituição textual, são concebidos como produtos físico, social e cultural da atividade cognitiva e interativa dos sujeitos falantes, e não como objetos-do-mundo. No entanto,

isto não significa negar a existência da realidade extra-mente, nem estabelecer a subjetividade como parâmetro do real. Nosso cérebro não opera como um sistema fotográfico do mundo, nem como um sistema de espelhamento, ou seja, nossa maneira de ver e dizer o real não coincide com o real. Ele reelabora os dados sensoriais para fins de apreensão e compreensão. E essa reelaboração se dá essencialmente no discurso. Também não se postula uma reelaboração subjetiva, individual: a reelaboração deve obedecer a restrições impostas pelas condições culturais, sociais, históricas e, finalmente, pelas condições de processamento decorrentes do uso da língua. (KOCH; MARCUSCHI, 1998, p. 5).

Assim, em meio às práticas sociais e às situações enunciativas, a língua deixa de ser apontada como a capacidade apenas mental de ser equivalente à realidade. Então, “ao usar e manipular uma forma simbólica, usamos e manipulamos tanto o conteúdo como a estrutura dessa forma. E, deste modo, também manipulamos a estrutura da realidade de maneira significativa.” (KOCH, 2005, p. 81).

Essa mudança de perspectiva marca a substituição do termo referência por referenciação, já que se passa a analisar as atividades

de linguagem realizadas por sujeitos históricos e sociais na interação (MONDADA, 2001 *apud* KOCH, 2005, p. 34).

A partir dessa visão, é possível entender a referenciação como uma atividade discursiva (KOCH; MARCUSCHI, 1998; KOCH, 2005), na qual o processamento do discurso é realizado por sujeitos ativos. Assim, há, por parte dos interlocutores, a realização de escolhas significativas entre as múltiplas possibilidades que a língua oferece. Esse processo diz respeito às operações efetuadas pelos sujeitos à medida que o discurso se desenvolve (APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995).

E, dessa forma, o sujeito, na interação, “opera sobre o material linguístico que tem à sua disposição, operando escolhas significativas para representar estados de coisas, com vistas à concretização do seu projeto de dizer”. (KOCH, 2005, p. 34).

Sob essa perspectiva, o ato de referenciar pode explicar por que a linguagem não espelha a realidade “pura”, mas reflete a “realidade” criada pela percepção cultural do falante. Isso quer dizer que a realidade percebida por nós é fabricada por toda uma rede de estereótipos culturais, que condicionam a própria percepção e que, por sua vez, são garantidos e reforçados pela linguagem, de modo que o processo de conhecimento é regulado por interação contínua entre nossas práticas culturais, percepção e linguagem. (KOCH, 2005, p. 77).

Apothelóz e Reichler-Béguelin (1995) afirmam que a referência (no sentido de referenciação) diz respeito às operações efetuadas pelos sujeitos à medida que o discurso se desenvolve.

Isso quer dizer que os processos de Referenciação são tidos como escolhas do sujeito em função de um querer dizer. Os referentes são vistos como objetos-de-discurso, que não se confundem com a realidade extralinguística, mas (re)constroem-se no próprio processo de interação. São dinâmicos, pois, uma vez introduzidos na memória discursiva, vão sendo constantemente modificados, desativados, reativados, (re)construindo-se o sentido do texto, no curso de uma progressão referencial.

Nessa progressão referencial, de acordo com (KOCH, 2004), estão envolvidas, enquanto operações básicas, as seguintes estratégias de referenciação: a ativação, em que o referente ou objeto de discurso é introduzido no discurso pela primeira vez, passando a configurar uma representação do objeto tal qual é percebido pelo sujeito; a *reativação*, na qual o objeto de discurso já mencionado anteriormente é ativado por meio de uma expressão referencial e ao ser reintroduzido na Memória Discursiva mantém-se em foco. E, ainda, a *de-ativação*, que ocorre quando um objeto já introduzido no modelo textual desloca-se dando lugar para outro objeto que se projeta no foco. O objeto desfocalizado não é retirado definitivamente do modelo textual, pode ser a qualquer momento ativado. O objeto retirado de foco, contudo, permanece em estado de ativação parcial (*stand by*), ou seja, ele continua disponível para utilização imediata sempre que necessário.

Os referentes, portanto, modificam-se ao longo do texto. Para organizar discursivamente o que foi dito a respeito deles, há um trabalho na interação linguística, com as cadeias referenciais, isto é, utilizam-se termos que retomam outros elementos do próprio texto (MARCUSCHI, 2002).

Para melhor visualizar as noções de Referenciação e Referente, observe o exemplo a seguir:

### **Ronaldo, o polêmico**

Sem clube desde o fim do contrato com o Milan da Itália, em junho, o fenômeno Ronaldo está no Brasil há dois meses treinando no Flamengo para tentar recuperar a antiga forma física. O jogador deixou de lado as cervejinhas para se concentrar nos treinos intensos e na dieta rigorosa. Mas em sua festa de aniversário de 32 anos, na semana passada, numa boate carioca, Ronaldo decidiu sair da seca – e não se deu bem. Ficou alegre demais, dançou funk e tentou dirigir bêbado de volta para casa. Impedido pelo cunhado Caio, Ronaldo se irritou, tirou a camisa e partiu para cima do marido da irmã. A turma do deixa-disso evitou que os dois se pegassem

Fonte: Revista Época, 2009. Destaque nosso

No exemplo acima, percebe-se que o referente “o fenômeno Ronaldo” inicialmente introduzido por ativação é retomado e mantido, primeiro, por meio do substantivo “jogador”; segundo, pelo nome “Ronaldo”. Além desse referente, há também a de-ativação “cunhado Caio” que na progressão textual é referido na sequência por “marido da irmã”.

A referenciação se dá quando novas entidades: “o fenômeno Ronaldo”, “jogador”, “Ronaldo” e “cunhado Caio”, “marido da irmã” surgem como diversas formas de introduzir/apresentar e retomar o referente/objeto. A opção por esses objetos-de-discurso não foi aleatória, mas, sim, em consonância com as escolhas lexicais do autor para referir-se ao seu objeto e orientar o leitor para um determinado sentido.

Nessa perspectiva, as descrições nominais, por exemplo, de acordo com Koch (2005), exercem funções de categorização ou de recategorização de referentes. Elas implicam escolhas feitas pelo interlocutor, de acordo com a proposta de sentido do texto, para construir o objeto-de-discurso.

Trata-se, em geral, da ativação, dentre os conhecimentos culturalmente pressupostos como partilhados (isto é, a partir de um *background* tido por comum), de características ou traços do referente que devem levar o interlocutor a construir dele determinada imagem, isto é, a vê-lo sob um determinado prisma, o que lhe permite extrair do texto informações importantes sobre as

opiniões, crenças e atitudes do seu produtor, de modo a auxiliá-lo na construção do sentido (KOCH, 2005, p. 35).

O texto se constitui não apenas de uma sequência aleatória de palavras e frases. As formas de referência se dão por um entrelaçamento sistemático entre as partes formadoras do texto. Desse modo, a referência não pode ser vista apenas como um produto da língua, mas como parte do complexo processo de interação entre os sujeitos envolvidos nas atividades enunciativas. Fazer Referência, ou referir é muito mais do que indicar objetos do mundo.

Por isso, o modo de dizer ou de escrever se dá por escolhas realizadas pelo produtor do texto orientadas pelo princípio da subjetividade, razão pela qual os referentes são construídos e reconstruídos ao longo do processo de escrita (KOCH, 2009).

## ABSTRACT

Assuming a textual-discursive, interactive, sociocognitive view, this entry presents the concept of the referral phenomenon, and also provides an explanation of how referents are introduced, conducted, resumed, identified and highlighted in the text. It is postulated here that the sense is a dynamic, interactive construction, made by individuals who mobilize their models of the world because of the relevance of the interaction. From this perspective, the reader is led to mobilize strategies of cognitive-discursive order, with the aim of raising hypotheses, validate or not these hypotheses, fill gaps that the text has in order to reach a certain understanding. The theoretical basis, regarding the notion of reference, contemplates mainly the considerations of Marcuschi and Koch (1998; 2002); Mondada and Dubois (2003); Morato and Benedict (2005); Apothéoz and Reichler-Béguelin (1995). To facilitate the understanding, there is also an example, whose analysis reinforces the postulate according to which the referral is a discursive activity with a relevant role in the organization of the text, in order to effectively contribute to the interaction and production of meaning.

Keywords: Referra, Reference, Discursive activity.

## PARA APROFUNDAR NO TEMA:

CUNHA LIMA, M. L. Referência e investigação do processamento cognitivo: o exemplo do indefinido anafórico. In: KOCH, I. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. **Referência e Discurso**. São Paulo: Contexto, 2005.

KOCH, I. V. **Introdução à linguística textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MARCUSCHI, L. A. Atividades de referência, inferência e categorização na produção do sentido. In: FELTES, H. P. M. (Org.). **Produção de sentido: Estudos transdisciplinares**. São Paulo: Annablume, 2003.

SALOMÃO, M. M. Razão, realismo e verdade: o que nos ensina o estudo sociocognitivo da referência. In: KOCH, I. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Orgs.) **Referenciação e Discurso**. São Paulo: Contexto, 2005.

## REFERÊNCIAS

APOTHÉLOZ, D. ; REICHLER-BÉGUELIN, M. J. Construction de La référence et stratégies de désignation. In: BERRENDONNER, A. ; REICHLER-BÉGUELIN, M. J. (Org.) **Du syntagme nominal aux objets-de-discours**. Neuchâtel: Université de Neuchâtel, 1995. p. 142-73.

BLIKSTEIN, I. **Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade**. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

FREGE, G. Sobre o Sentido e a Referência. In: FREGE, G. **Lógica e filosofia da linguagem**. São Paulo: Cultrix, 1978. p. 61-86.

KOCH, I. G. V. **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2005. p. 77-81.

KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 123-131.

KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 131-134.

KOCH, I. G. V.; MARCUSCHI, L. A. Processos de referenciação na produção discursiva. **D.E.L.T.A.**, v. 14, p. 169-190, 1998. (número especial).

KOCH, I. V.; MORATO, M. E.; BENTES, A. C. (Org.). **Referenciação e Discurso**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 8-10.

MARCUSCHI, L. A. ; KOCH, I. G. V. Estratégias de referenciação e progressão referencial na língua falada. In: ABAURRE, M. B. M.; RODRIGUES, Â. C. S. (Org.). **Gramática do português falado: novos estudos descritivos**. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, 2002. v. 8, p. 31-56.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Daniele. Construção de objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M. et al (Org.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.

.REVISTA ÉPOCA, São Paulo: Globo. n. 592, 19 set. 2009